

O regionalismo a serviço do nacionalismo na Primeira República (1889-1930): representações das fotografias urbanas de Taquara/RS

Alex Juarez Müller¹

RESUMO:

A Primeira República (1889-1930) objetivava a moderna emancipação do Brasil para libertar-se das heranças do Império. Para isso, difundiu um emaranhado de burocracia que transformava o Estado em grande promotor da nacionalidade através das regiões. No caso do município de Taquara/RS, o nacionalismo republicano foi representado por meio de símbolos regionais nas fotografias. Portanto, esta pesquisa objetiva analisar a representação da identidade nacional na Primeira República através das fotografias, para identificar os símbolos regionais representados nas imagens que serviram na construção da identidade nacional na República. Essa análise justifica-se pela lacuna de estudos de imagens fotográficas que discutam a formação nacional na região para compreender as relações da República numa região de imigração alemã, como também a carência de pesquisa que perceba as intenções dos recortes fotográficos que não representam determinados elementos como parte integrante da formação nacional oficial. A abordagem metodológica utiliza as fotografias e demais fontes primárias (leis, relatórios, periódicos, etc.) disponíveis nos arquivos regionais.

Palavras-Chave: Fotografia. Primeira República. Representação. Regionalismo. Nacionalismo.

ABSTRACT:

The First Republic (1889-1930) aimed to the modern emancipation of Brazil to liberate itself from the legacies of Empire. For this, it disseminated a tangle of bureaucracy that turned the state in a great promoter of nationality through the regions. In the case of the city of Taquara/RS, the republican nationalism was represented by regional symbols in photographs. Therefore, this research aims to analyze the representation of national identity in the First Republic through the photographs, to identify regional symbols represented in the pictures that served in the construction of national identity in the Republic. This analysis is justified by the gap in studies of photographic images that discuss official national formation in the region to understand the relationships of the Republic in the German immigration region, as well as the dearth of research that realize the intentions of photographic cutouts that do not represent particular elements like a part of the official national formation. The methodological approach uses photographs and other primary sources (laws, reports, journals, etc.) available in regional archives.

Keywords: Photography. First Republic. Representation. Regionalism. Nationalism.

¹ Mestrando em História – Programa de Pós-graduação em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade de Passo Fundo (UPF), Campus I. Bolsista CAPES. Email: muller.historia@gmail.com.

Recebido em: 30/03/2014 Aprovado em: 30/04/2014

Introdução

Esta pesquisa é resultado de uma análise preliminar de fotografias da cidade de Taquara/RS no período da Primeira República (1889-1930) com o objetivo de averiguar as representações fotográficas da área urbana para identificar a construção nacional através das particularidades regionais.

As fontes são fotografias e documentos escritos, pesquisados em arquivos regionais. O método de análise das imagens constitui-se no cruzamento de fontes diversificadas,

[...] nesse sentido as fotografias que sobrevivem nos interessam de pronto, mas também devem ser localizadas outras fontes que possam transmitir informações acerca dos assuntos que foram objetos de registro em dado momento histórico [...]. (KOSSOY, 2001, p.64).

Para compreendermos o espaço em que Taquara localizava-se na República Velha, é necessário entender a região como resultado de múltiplas determinações, transformada por heranças culturais, materiais, estruturas sociais e suas contradições, realizando a combinação do geral e do particular. Assim, cada região deve ser entendida dentro da sua totalidade na interação entre o homem e o ambiente. "El espacio regional, no es, por tanto, un espacio fijo, sino un espacio social con conjuntos heterogéneos en continua interacción." (CARBONARI, 2009, p. 28).

A análise das imagens desse espaço regional justifica-se pela necessidade de compreender os discursos localistas sem base científica que são realizados sobre a história da região. De certa forma, isso é um resquício do século XIX, em que a História Regional interessava aos poderes locais para manter viva a ideologia do regionalismo frente ao poder do Estado Nacional. Dessa forma, conforme Carbonari (2009), a história contada era um misto de romantismo com historicismo regional.

A seleção dos eventos representados nas fotografias que veremos mais adiante também é resultado da ideologia que a República propunha-se, pois as regiões deveriam seguir o caminho modernizante. De acordo com Carbonari (2009), essa ideia levava a chamada planificação através do crescimento econômico, por isso que tudo se explicava em dados quantitativos na busca de regras para explicar o processo geral. Assim, através das regiões formaram-se discursos regionalistas que fortaleceram a região, mas que também serviram de interesse ao Estado Nacional. As fotografias servem como recortes a serviço da construção regional e nacional. Assim, para compreender o que está instituído, é preciso perceber que "as representações são enunciados performativos que pretendem que aconteça aquilo que enunciam" (BOURDIEU, 1989, p. 118).

As fotografias oficiais das cidades na Primeira República impõem uma visão de mundo social de diferentes regiões que não representavam a realidade. Desse modo, por meio da fotografia ocorre o poder performativo do discurso regionalista que impõe como legítimo uma determinada fronteira, uma visão única de identidade e unidade e a oficialização por meio das manifestações, ocorrendo a institucionalização de elementos regionais como sendo verdadeiros, como salienta Bourdieu (2007).

O Estado republicano seguia a ideologia historiográfica do século XIX, entendendo que

a história total apropriava-se dos estudos locais para compor a história nacional. Existia a crença na regularidade dos fenômenos, os quais seguiam etapas semelhantes independente do espaço, como se as regiões seguissem caminhos iguais, como explica Carbonari (2009). Dessa forma, as fotografias de diversas cidades do Brasil seguem padrões muito semelhantes no que deveria ser representado, afinal de contas, a área urbana, na Primeira República, era o ato de celebração máximo do Estado Nacional, o símbolo da ordem e do progresso.

Devemos entender que as fotografias eram utilizadas a serviço da formação da identidade regionalista e nacionalista². Entretanto, essas duas deveriam estar em consonância. No caso das fotografias, existiam elementos que eram representados constantemente e outros não, todos sempre favoráveis à construção do nacionalismo.

Entendemos “o nacionalismo como um movimento ideológico para atingir e conservar a autonomia, a unidade em nome de uma população que alguns dos seus membros consideram constituir uma nação real ou potencial.” (SMITH, 1997, p. 97) Também devemos compreender que a nação contém o direito sobre todos os outros direitos, nenhum interesse regional pode superar o interesse da nação. Dessa forma, o interesse público deve sempre ter uma supremacia sobre o privado de acordo com Smith (1997).

As próximas etapas da análise dividem-se em duas partes. A primeira delas apresenta uma discussão sobre a região em que Taquara está inserida e sua relação com a totalidade. Na segunda parte, é realizada a análise das

representações fotográficas.

A formação do espaço regional de Taquara

O Vale do Rio dos Sinos³, onde está inserido o município de Taquara, tem suas origens na delimitação de fronteiras do sul do Brasil ainda no período colonial, entre lusos e espanhóis. Em meados do século XVII, “esse espaço não pertencia a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas. Era área da Espanha” (FERNANDES, 2008, p. 26). Por ser uma área de passagem de tropas que disputavam fronteiras, “o espaço de encosta facilitou a presença desses grupos humanos associado ao interesse e incentivo da Coroa no século XVIII para garantir a posse das terras.” (FERNANDES, 2008, p. 27).

A posse da terra ocorre por meio de sesmarias, que serviam como grandes fazendas de abastecimento de gêneros de primeira necessidade (como madeira e produtos agrícolas) à capital Porto Alegre e às tropas militares em época de guerra. Assim, surgiu a Fazenda do Mundo Novo em 1814, que fora concedida a Antônio Borges de Almeida Leans. Essa área viria a originar o município de Taquara, que, no século XIX, era descrita como sendo “[...] constituída por matos, roças, um engenho, um jogo de pedras de moer, uma roda de ralar, uma prensa grande, um alambique e um forno.” (FERNANDES, 2008, p. 29).

A morte de Antônio Leans, em 1829, fez com que as terras fossem vendidas a Georg Eggers e Tristão José Monteiro em 20 de junho de 1845, passando a chamar a área de Colônia do Mundo Novo. Em seguida, Monteiro comprou a parte de Eggers e iniciou o loteamento da área, ocorrendo a

2 Identidade Regional e Nacional: “Na prática social são elementos de representação mental de conhecimento e reconhecimento que os agentes investem para seu próprio interesse de manipulação simbólica.” (BOURDIEU, 1989, p. 112).

3 A região do Vale do Rio dos Sinos está localizada na encosta da Serra Geral do Rio Grande do Sul na porção nordeste, formada por 32 municípios, ocupando uma área de 3.800km². (COMITESINOS, 2009).

"[...] compra de terra por parte dos colonos alemães e seus descendentes porque São Leopoldo não comportava mais novas posses" (FERNANDES, 2008, p. 32).

Essa área começou a desenvolver-se e a formar um pequeno povoado, que surgiu no que seria a divisa das duas linhas demarcatórias da Estrada Geral para Cima da Serra⁴. Em 1854, por meio de um levantamento estatístico das profissões no empreendimento de Monteiro, identificaram-se dezoito ofícios diferenciados, em que "a variedade de tipos profissionais é uma consequência das demandas, decorrentes do crescimento da Colônia e de sua formação urbana (povoado de Taquara) que se delinea" (FERNANDES, 2008a, p. 40).

No ano de 1882, o pequeno povoado é elevado à categoria de freguesia pela sua importância econômica, em que "o comércio e a agricultura em Taquara do Mundo Novo estavam por gerar um núcleo regional [...]" (SOBRINHO, 2008, p. 45) e política, no momento em que "a freguesia [...] se desenvolvia ao mesmo tempo em que as relações políticas se tornavam cada vez mais complexas na região" (SOBRINHO, 2008, p. 46).

Em 1886, a freguesia emancipa-se de Santa Cristina do Pinhal⁵, sendo elevada a categoria de Vila, dando origem a uma nova estrutura administrativa, fazendo com que os políticos sem espaço no município de origem debandassem para o recém-criado, o que "representou uma oportunidade de políticos pinhalenses, principalmente os conservadores, além de membros da elite

⁴ Atualmente ERS-020 (Taquara – São Francisco de Paula).
⁵ Município extinto pelo Ato nº 302, de 10 de setembro de 1892, tornando-se distrito de Taquara. Estava localizado às margens do Rio dos Sinos, sendo a próxima cidade acima do Vale depois de São Leopoldo, até a emancipação de Taquara. Era importante fornecedor de produtos de primeira necessidade (farinha, cachaça, madeira, etc.).

de Taquara do Mundo Novo, muitos deles de origem germânica, de atingirem o poder [...]" (SOBRINHO, 2008, p. 50), iniciando o processo de transformação da cidade a partir dos interesses desses mandantes.

Com o advento da república, o município de Taquara passou a ter as relações fortalecidas com o governo estadual, mantendo laços políticos por meio do Partido Republicano Rio-grandense (PRR). Os políticos locais que se sucederam nos cargos em Taquara, do final do século XIX até o fim da década de 1920, eram todos simpatizantes do republicanismo.

Foi nesse período que ocorreu o crescimento da cidade de Taquara, sucedendo-se os fatos mais marcantes para o seu desenvolvimento e afirmação estadual na época. Em 15 de agosto de 1903, ocorreu a inauguração da ferrovia, ligando o município à capital. Já em 1908, ocorreram dois fatos importantes que demonstram o crescimento e a importância do município para o Estado, a saber: a inauguração do edifício da Intendência e a elevação do município à categoria de cidade.

A cidade de Taquara no advento da República (re)organizou seus espaços para demonstrar civilidade, para diferenciar-se das cidades coloniais e imperiais que mesclavam personagens e estruturas urbanas que confundiam-se no mesmo ambiente. "Todos conviviam com uma nova burguesia que aos poucos se separava do campo e tinha agora nas cidades seu quartel-general" (SCHWARCZ, 2012b, p.39).

A ideologia republicana era pautada nos ideais que vinham da Europa, como "[...] o darwinismo social do inglês Spencer, o monismo alemão e o positivismo francês de Auguste Comte" (SEVCENKO, 2004, p. 14). Essas influências refletiram-se na organização e na higienização dos lugares urbanos no momento em que grandes massas

são envolvidas num processo de mudanças. Eram mudanças que levavam em conta dois aspectos: “[...] de um lado procurava modernizar e ‘europeizar’ a antiga urbe colonial; por outro lado, a reforma pretendia ordenar e disciplinar a população pobre [...]” (RAMINELLI, 1997, p. 202).

Foi um processo sem retorno intitulado de progresso. Conforme Lilia Schwarcz,

estava em curso um processo inédito, que implicava acelerada transformação do espaço urbano e sua eleição como novo lócus das representações, a despeito dessa modernização não alcançar de modo homogêneo todo o país. (SCHWARCZ, 2012a, p. 22).

Assim, inúmeras transformações urbanas irromperam-se pelo Brasil, primeiramente nas capitais e posteriormente nos centros menores. Cada espaço reestruturou a cidade nos modelos dos interesses nacionais, exaltando símbolos regionais que se alinhavam à ideia de progresso comum à nação. Veremos melhor esse aspecto nas imagens que analisamos a seguir.

O regionalismo a serviço do nacionalismo

Na Primeira República, fez-se uso constante da fotografia para afirmar a cidade como o elemento de ordem e progresso. Na república, existiam fotógrafos especializados nos registros das transformações, como, por exemplo, Augusto Malta no Rio de Janeiro, que tinha o objetivo de registrar o antes e o depois das intervenções urbanas.

A fotografia, na cidade de Taquara, chegou ao final do século XIX, quando apareceram os primeiros registros da paisagem urbana. Inicialmente, os profissionais provinham de locais como Porto Alegre ou São Leopoldo.

Os estúdios fotográficos da época podem ser identificados no verso de

algumas fotografias que ainda guardam a memória do carimbo do atelier ou do profissional. Nessa busca, podemos identificar apenas três estúdios no período em estudo: “Photographia Manchot e Brigel de Novo Hamburgo” (por volta de 1906), “Photografia Preuss de Taquara” (por volta de 1920) e “Photografia Lang de Taquara” (final da década de 1920).

As imagens selecionadas caracterizam a construção da identidade nacional que tratava “[...] basicamente, das cenas de progresso material enfatizando-se os avanços da técnica como as obras de implantação de estrada de ferro [...], agricultura [...], transformações urbanas [...]” (KOSSOY, 2002, p. 80-81).

Na primeira imagem escolhida, aparece a Rua Júlio de Castilhos, por volta de 1920, com a Praça Marechal Deodoro e o prédio da Intendência ao fundo, o Hotel Brazil (1º prédio da esquerda para a direita) e, ao lado, o Banco da Província (2º prédio da esquerda para a direita).

Os elementos apontados demonstram por si só a intenção de representar na fotografia o Estado presente e constituído na cidade.

Figura 1 - Taquara por volta de 1920.



Fonte: Museu Histórico Municipal Adelmo Trott. Fotógrafo desconhecido.

Essa representação em fotografias é clássica das cidades republicanas, sempre evidenciado o centro administrativo e econômico do espaço regional. A ideia é caracterizar a burocracia necessária para a formação do Estado e construção do processo de lealdade nacional, como também formar uma rede administrativa e econômica padronizada para integrar o território, que ocorria por meio da infraestrutura oferecida para interligação das diferentes regiões (como ferrovias, serviço postal e telefone) como explica Smith (1997).

Uma das características que iniciam o processo de formação das nações é

a utilização frequente do nacionalismo institucional e oficial. De forma a consolidar o seu domínio e a homogeneizar a população numa nação compactada, a classe dirigente procura assimilar minorias étnicas através de um programa educacional de nacionalismo, apoiado por instituições influentes. (SMITH, 1997, p. 128-129).

Assim, a fotografia que tomamos como exemplo representa a intenção de planificar e homogeneizar a população. Esse aspecto surge na exaltação regional da colonização europeia como grande colaboradora da construção nacional, frequentemente elogiada pelo governador Antônio Augusto Borges de Medeiros em suas mensagens enviadas à assembleia, anualmente, como sendo de grande sucesso o empreendimento no qual os imigrantes e seus descendentes empenharam na região.⁶

Esse discurso localista construiu o ideal romantizado da história da região, em que elementos sociais como o negro dificilmente

é representado ou lembrado na fotografia urbana, apesar de a região ter tido a presença escrava no trabalho das fazendas existentes antes da imigração e até mesmo na utilização dessa mão-de-obra pelos próprios imigrantes.⁷

Interessante lembrar que a história nacional dessa época descreditava a história colonial e imperial, como forma de legitimar o Estado Nacional Republicano. Na história da região que Taquara está inserida, construiu-se a ideia da “salvação” a partir de 1824, ano da chegada dos imigrantes alemães no Vale dos Sinos. Podemos ver esse discurso legitimado na figura do governador Borges de Medeiros em 1907:

Mas, em compensação, lançavam-se em 1824 os fundadores do regimen hodierno de colonização, que tanto que tem contribuído para o engrandecimento do Rio Grande do Sul. Estabelecido n’essa data o primeiro núcleo de colonos allemaes na Real Feitoria do Linho Canhamo. (MEDEIROS, 1907, p. 24).

O discurso do governador é localista, porém, ele faz uso dessas palavras para legitimar a construção da identidade do Estado do Rio Grande do Sul. Isso caracteriza o arbítrio de revelação através de uma pessoa que tem o poder de fazer reconhecer sua palavra, pois quem pronuncia deve estar autorizado a autorizar, conforme Bourdieu (1989).

A ideia de exaltar a região de colonização e imigração era uma forma de engrandecer o espaço que movimentava a economia do Estado, pois o objetivo principal de ocupar terras próximas a capital Porto Alegre era

⁶ Os relatórios do período em que Antônio Augusto Borges de Medeiros foi governador do Rio Grande do Sul mencionam constantemente a imigração como grande feito para o desenvolvimento do Estado; também identifica o forte alinhamento do poder central com os poderes locais dessas regiões.

⁷ Conforme os dados do censo de 1858, identificamos que São Leopoldo possuía uma população de 4.199; desses, 475 eram escravos e 51 libertos e, na localidade de Pinhal de Santa Christina (depois distrito de Taquara) viviam 1.671 habitantes, desses, 187 eram escravos e 7 libertos. (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981).

justamente produzir, pois “pretendia-se superar a atrofia da agricultura e da indústria que persistia na província desde o período colonial. Não eram novas línguas e religiões que se queria, mas, sim, braços.” (CORREA, 2007, p. 264-265).

A integração da área de colonização também era uma forma de aproximar uma região tida como diferente no quesito étnico, visto que muitos se sentiam alemães e não brasileiros. A proposta do Estado era integrar todos dentro da nação por meio da presença da burocracia, como representa a fotografia (figura 1), ou seja, o lugar podia ser constituído de alemães, desde que estivesse alinhado ao projeto maior. Visto que no início da colonização a imigração de grupos homogêneos era incentivada, porém, com o tempo, começou-se a desconfiar dessa ação, pois os grupos viviam em outro universo cultural de acordo com Correa (2007).

Assim, a presença do Estado ocorre na região por meio dos elementos representados na fotografia como forma de legitimar o poder estadual através do poder local. Isso ocorria através da “cooptação do coronelismo ao nível municipal feita através de mecanismos utilizados pelos aparatos ideológicos típicos do borgismo” (FÉLIX, 1987, p.126). Não eram raras as cerimônias locais com a presença do governador para reforçar o poder central e, conseqüentemente, o fortalecimento do poder local.

O prédio da intendência era o símbolo máximo da administração. Ela representava politicamente a força do coronelismo, um poder mantido pelas alianças dos estados com os poderes locais, e também a extinção das câmaras como formas administrativas dos municípios no Império, como explica Mattos (2012).

A imagem fotográfica (figura 1) representa a força política e econômica do município

de Taquara alinhadas aos interesses do Estado, numa situação em que o governo centralizador de Borges de Medeiros favorecia as regionalidades no poder local. De acordo com Félix,

Borges de Medeiros, como Castilhos, não ignorava a importância do município. Um e outro precisavam dele e, por isso, desenvolveram intensa atividade epistolar, correspondendo-se com todas as lideranças políticas municipais, como pode facilmente ser constatado na análise da documentação do arquivo Borges de Medeiros, no IHG/RS. (FÉLIX, 1987, p. 81).

Também observamos na fotografia a imaterialidade na representação das nomeações públicas, que fortaleciam os nomes nacionais (presidentes), estaduais (governadores) e regionais (colonizadores locais). Não existiriam mais ruas, praças, monumentos, prédios com nomes imperiais ou de santos. A partir daquele momento, caberiam os nomes republicanos, as glórias da República. Ana Luiza Martins discute que

[...] a nomenclatura das ruas era alterada, substituindo-se os nomes do Império por aqueles da República. As ruas denominadas de Imperatriz se transformaram em ruas 15 de Novembro, assim como muitos Largos da Matriz passaram a chamar-se Praça da República. (MARTINS, 2001, p. 12).

Assim, o hotel chamava-se Brazil (símbolo de nacionalidade), a praça de Marechal Deodoro (Proclamador da República), a Rua de Júlio de Castilhos (primeiro governador republicano e que elaborou a constituição estadual de 1891) e a rua em frente a intendência de Tristão Monteiro (colonizador da cidade), demonstrando a convergência do município com as políticas do Estado do Rio Grande do Sul e com a República.

A fotografia também identifica um aspecto

interessante do posicionamento para o ato, pois não mostra o lado direito da rua, onde existiam poucas residências. A intenção clara era identificar somente os aspectos urbanos, como o hotel, o banco e a Intendência. No cartão postal, essa intenção fica mais nítida, pois “os postais não eram apenas veículos de correspondência, mas, também, instrumentos de propaganda, particularmente no caso de vistas das cidades” (KOSSOY, 2002, p. 69). Isso demonstra a intenção de apontar um polo regional em desenvolvimento.

A próxima fotografia foi extraída do periódico “O Rio Grande do Sul em Revista” (1928) e retrata Taquara na década de 1920. A imagem apresenta três vistas distintas: a primeira representa a Rua Júlio de Castilhos a partir da torre da Igreja Luterana com a Intendência ao fundo; a segunda imagem demonstra também a Rua Júlio de Castilhos em direção às igrejas; e a última fotografia, o Tiro de Guerra 334.

As três fotografias representam o aspecto de ordem e progresso, por meio de ruas organizadas e seguras na mão do poder de polícia do Tiro de Guerra.

Figura 2- Fotografias extraídas do periódico “O Rio Grande do Sul”.



Fonte: Museu Histórico Municipal Adelmo Trott. Em primeiro plano, a Rua Júlio de Castilhos em direção a Intendência; em segundo plano, a mesma rua em direção às igrejas; e em terceiro plano, o Tiro de Guerra 334. Fotógrafo: Desconhecido.

Essa imagem representa a mídia impressa oficial que era utilizada para fazer propaganda positiva dos municípios. Essa intenção é resultante da própria modernidade. Conforme Giddens (2002, p. 29):

A modernidade é inseparável de sua “própria” mídia: os textos impressos e, em seguida, o sinal eletrônico. O desenvolvimento e expansão das instituições modernas está diretamente envolvido com o imenso aumento na mediação da experiência que essas formas de comunicação propiciaram.

Giddens (2002) nos remete a analisar as imagens representadas no periódico de forma a ver que elas eram utilizadas para propagandar as regionalidades, porém, a ideia é mostrar unanimidade, uma síntese do que era o Rio Grande do Sul. A imprensa oficial sempre foi uma forma de legitimar a nação, como o próprio Giddens (2002) aponta que o desenvolvimento das instituições está diretamente relacionado com os avanços da imprensa.

O uso da imprensa oficial auxiliou na legitimação das regionalidades em prol da nacionalidade e da formação da nação moderna. No caso em questão, auxiliou a construir um país que se diferenciava do Império.

A Rua Júlio de Castilhos representa a área urbana de Taquara que está mais em conformidade com os padrões urbanísticos que o Brasil pretendia apresentar para o mundo. O texto que acompanha o periódico legitima o que a imagem fotográfica quer representar (ou vice-versa):

[...] as suas ruas são amplas e bem alinhadas, na maior parte com sarjetas de pedras e ótimos passeios de lage, o que lhe dá agradável aspecto e a impressão de zelo administrativo. (O Rio Grande do Sul em Revista, 1928, p. 400).

O texto que compõem a fotografia representa a ideia de interligação com o ideal nacional. Ainda apresenta elementos da modernidade, como a presença da eletricidade, a diversidade das casas comerciais, dos atrativos culturais, como os cinemas, o acesso fácil pela ferrovia e o serviço postal como forma de comunicação com o mundo, todos os mecanismos que fazem o elo das regionalidades e que juntos formam a ideia de nação. Também identifica a administração pública promotora desse desenvolvimento no momento que menciona o “zelo administrativo”.

A terceira fotografia que compõe a imagem 02 identifica o “Tiro de Guerra 334”, que tem intenção de representar a segurança do município por meio do poder de polícia. A segurança era uma preocupação dos governos republicanos que sempre escreviam sobre esse tema nos seus relatórios.

A fotografia do Tiro de Guerra representa a preocupação do governo republicano de elaborar um aparato policial. Conforme Félix (1987, p. 119):

[...] nos municípios do interior, houve a preocupação da montagem de uma sólida base de apoio local, o que é perfeitamente compreensível, não só por sido ela a base da pirâmide política em todo o país durante a República Velha mas também pela situação específica e particular do Rio Grande do Sul que ocorria naquele exato momento: a consciência que tinha Castilhos de que ele e seus correligionários eram uma facção minoritária alçada ao poder, por golpe militar.

O poder de polícia ia além do que está representado na fotografia, ou seja, a função não era somente manter a segurança dos cidadãos, mas principalmente de manter extintas, por coerção, as forças inimigas do poder centralizador republicano. Os

nomeados subchefes de polícia faziam o papel de ligação do local com o estadual, pois era por meio desse poder que o governador conseguia ter o controle regional, por mais que se vendesse a ideia que os municípios possuíam autonomia política, como explica Félix (1987).

Os dois exemplos de fotografias (Figuras 1 e 2) representam a ideia de nacionalismo territorial pós-independência,

[...] cujo conceito de nação continua basicamente cívico e territorial, procurarão unir e integrar, numa nova comunidade política, populações frequentemente díspares e criar uma nova nação territorial fora do velho estado colonial; são os nacionalismos de integração. (SMITH, 1997, p.107).

No caso em questão, seria um nacionalismo pós-Proclamação da República, dando ideia de (re)começo. As fotografias dão ideia de integração por meio dos aparatos burocráticos do Estado, os quais representam a promoção da prosperidade. Smith (1997) discute que a formação das nações possuem um caráter modernizador e principalmente a de nacionalismo institucional para consolidar a homogeneização da população.

Essa ideia é aplicada às regionalidades brasileiras, pois o Brasil possuía uma população multicultural. No caso de Taquara, a população era composta de imigrantes alemães que mal sabiam falar o português e de um imenso contingente de ex-escravos à margem do sistema oficial. Assim, as fotografias oficiais deveriam dar o entendimento de unidade, de planificação nacional.

A exclusão de determinadas etnias nas imagens fotográficas caracteriza a homogeneização, visto que “como houve uma cultura *standard*, ocorreu uma padronização das culturas das minorias, enquanto a

dominante se tornou cada vez mais híbrida, através de novos elementos das demais culturas" (CORREA, 2007, p. 264). Ou seja, Corrêa (2007) aponta que, por mais que a imagem romantizada do imigrante fosse colocada sobre todas as demais culturas, ocorria o multiculturalismo intenso.

A figura 2 está legitimando a ideia de que todo o progresso da cidade de Taquara era devido aos alemães e seus descendentes, pois o texto da revista argumenta que, dos 40 mil habitantes do município, a grande maioria era de germânicos e apenas uma minoria de "italianos, polacos e de outras nacionalidades, e sendo em menor número o elemento puramente nacional" (O Rio Grande do Sul em Revista, 1928, p. 398). Esse elemento puramente nacional é o negro, que é bastante presente na região do Vale dos Sinos, porém, pouco lembrando na história oficial.

No Vale dos Sinos e em outras regiões brasileiras, existe uma confusão de debates em torno da noção de região e etnia que "resulta na repetição de práticas cotidianas que não estão fundamentadas na ciência" (BOURDIEU, 1989, p. 112). Assim, a imigração é exaltada como salvadora e a história da região é dada como se tivesse iniciada em 25 de julho de 1824.

Dessa forma, as fotografias oficiais da cidade republicana representavam a conformidade do micro com o macro, a ideia de unidade e planificação, mas acima de tudo também representava os interesses das classes dominantes que queriam distinguir-se do grande público. Portanto, a (re)construção desses novos/velhos espaços identificam a construção de ambientes eruditos⁸ que

⁸ "Pode-se medir o grau de autonomia de um campo de produção erudita [...] pela consagração propriamente cultural e pelo poder propriamente cultural de concedê-la, tanto mais os princípios segundo os quais se realizam as demarcações internas aparecem como irredutíveis a todos os princípios externos de divisão, por exemplo, os fatores de diferenciação econômica, social ou política,

excluía uma boa parcela da população brasileira.

Considerações finais

As fotografias foram apenas uma forma de representar o desenvolvimento regional da República em consonância com a formação da nacionalidade. As imagens fotográficas oficiais de Taquara e do Vale dos Sinos, na Primeira República, representam símbolos que legitimaram uma história romanceada da colonização e imigração alemã em favor dos interesses nacionais para o progresso e formação de uma comum unidade nacional.

Podemos averiguar que as representações fotográficas da área urbana de Taquara caracterizam elementos chave para a construção nacional. Esses elementos são particularidades regionais, que exaltam e concordam com o sentimento nacional por meio do fortalecimento dos símbolos burocráticos do Estado e formas de pertencimento àquele espaço. Pierre Bourdieu (1989) aponta que, para perceber essas evidências, é necessário observar tanto as propriedades ditas objetivas (ascendência, território, línguas, religião, atividade econômica) e as ditas subjetivas (como o sentimento de pertença).

Os elementos subjetivos exaltam o sentimento germânico por meio de discursos localistas que reforçam o ideal da imigração e a planificação dos demais povos, ou seja, os dominados acabam sendo absorvidos pelos dominantes, ao menos na história oficial.

A Primeira República construiu esse imaginário, utilizando do espaço colonial como forma de prosperar o Estado e, ao mesmo tempo, de aproveitar-se desse lugar para poder construir a identidade brasileira como a origem familiar, a fortuna, o poder, bem como às tomadas de posição políticas." (BOURDIEU, 2007, p. 106)

que precisava ser uniformizada. No contexto gaúcho, essa uniformização foi mais intensa, pois o multiculturalismo proporcionado pela colonização apresentava um Estado sem unidade cultural.

Portanto, o regionalismo estava a serviço do nacionalismo, obviamente que sempre observando o que era importante ser lembrado e o que era necessário ser esquecido. Dessa forma, por meio da formação da identidade regional na Primeira República é perceptível a intenção de evidenciar elementos da história da imigração e exaltação do poder local. Essa representação construiu no Rio Grande do Sul contemporâneo a ideia de um Estado com indivíduos de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARBONARI, María Rosa. De como explicar la región sin perderse em el interno. Repasando y repensando la Historia Regional. *História Unisinos*, São Leopoldo, v.13, n.1, p.19-34, 2009.
- COMITESINOS. *Caracterização da Bacia*. Disponível em: < http://www.comitesinos.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=13&Itemid=27 >. Acesso em: 13 mar. 2013.
- CORREA, Sílvia Marcus de Souza. Multiculturalismo e Fronteiras Étnicas. In: GOLIN, Tau et al. *Império*. Passo Fundo, RS: Méritos, 2007. v.2.
- FÉLIX, Loiva Otero. *Coronelismo, Borgismo e Cooptação Política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- FERNANDES, Dóris Rejane. O povoamento pioneiro das terras do Mundo Novo. In: BARROSO, Vera; SOBRINHO, Paulo. *Raízes de Taquara*. São Leopoldo: EST, 2008. v. 1.
- FERNANDES, Dóris Rejane. Tristão Monteiro e o projeto colonizador do Mundo Novo. In: BARROSO, Vera; SOBRINHO, Paulo. *Raízes de Taquara*. São Leopoldo: EST, 2008a.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. *De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul-Censos do RS 1303-1950*. Porto Alegre, 1981.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MARTINS, Ana L. *O Despertar da República*. São Paulo: Contexto, 2001.
- MATTOS, Hebe. A Vida Política. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Coord.). *A abertura para o Mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012b.
- MEDEIROS, Antônio Augusto Borges de. *Mensagem enviada a Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas Typographicas d'A Federação, 1907. Disponível na Secretaria de Portos e Hidrovias.
- O Rio Grande do Sul em Revista – 1928*. Disponível no Museu Histórico Municipal Adelmo Trott, Taquara.
- RAMINELLI, Ronald. História Urbana. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Coord.). *A abertura para o Mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012a.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. População e Sociedade. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (Coord.). *A abertura para o Mundo (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012b.
- SEVCENKO, Nicolau. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 3.
- SMITH, Anthony D. *Identidade Nacional*. Tradução de Cláudia Brito. Lisboa: Gradiva, 1997.
- SOBRINHO, Paulo G. M. *O processo de transformação de um município sede para distrito: a atuação de liberais e republicanos em Santa Cristina do Pinhal (1880-1892)*. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso - FACCAT, Taquara.